

MERCADOS URBANOS, TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

VALTER MARTINS

MERCADOS URBANOS, TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE
ABASTECIMENTO E COTIDIANO EM CAMPINAS, 1859-1908

E D I T O R A U N I C A M P

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

M366m Martins, Valter
Mercados urbanos, transformações na cidade: abastecimento e cotidiano em Campinas, 1859-1908/ Valter Martins. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

1. Mercados – Campinas (SP) – Séc. XIX-XX. 2. Abastecimento de alimentos – Campinas (SP). 3. Campinas (SP) – Planejamento urbano. 4. Saúde pública. 5. Epidemias. I. Título.

CDD 381.148098161
338.198161
711.4098161
614
614.49

ISBN 978-85-268-0910-9

Índices para catálogo sistemático:

1. Mercados – Campinas (SP) – Séc. XIX-XX	381.148098161
2. Abastecimento de alimentos – Campinas (SP)	338.198161
3. Campinas (SP) – Planejamento urbano	711.4098161
4. Saúde pública	614
5. Epidemias	614.49

Copyright © by Valter Martins
Copyright © 2010 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

AGRADECIMENTOS

Antes que o texto a seguir se tornasse um livro, quase dez anos se passaram. Em uma tarde de 2001, defendi-o como tese de doutorado em história na Universidade de São Paulo. O próprio e eu mesmo mudamos bastante desde aquela data, mas não o que sinto em relação a todos que ajudaram em minha pesquisa. Naqueles anos de trabalho contínuo, contei com a atenção e a amizade de minha querida orientadora, professora doutora Maria Luiza Marcílio. Nossas agradáveis e produtivas conversas foram de extrema importância naquela jornada. A ela, meu mais sincero obrigado! Agradeço também a bolsa concedida pela Fapesp — Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Minha vida de pesquisador foi mais fácil e prazerosa porque encontrei pessoas que realizavam seu trabalho cotidiano de maneira eficiente e simpática. No Arquivo do Estado de São Paulo, agradeço a Marineide, Zélia e Adi. No Arquivo Histórico do Centro de Memória da Unicamp, a Fernando, Ema e Denise. No Arquivo Edgard Leuenroth, a Joana, Ema e Mário. Também na Unicamp, na Biblioteca do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, a Eliana, Elga e Márcia. No Arquivo Público e Histórico de Campinas, a Galdino. No Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, a dona Maria Luíza. No Arquivo da Câmara Municipal de Campinas, a Leontina, Jane, Rose, Solange e aos antológicos João de Deus e Lelo. Agradeço também, ainda que tanto tempo depois, a Márcio e Irene Pereira por me acolherem em um tempo difícil.

Todas essas pessoas e certamente tantas outras aqui não lembradas contradizem bastante aquela história do “solitário trabalho do pesquisador”!

Se os parentes e amigos não foram comigo aos arquivos, estiveram sempre presentes na torcida. Agradeço o amor e a companhia dos meus pais Arcy e Anna, do maninho Arcy, da Silvia e Luíza. Aos tios e esculápios Abimael e Aurélio, agradeço o carinho com que cuidaram dos meus achaques.

Sou grato pela amizade do Calvino, da Marlene, da Mariana, da Ana Beatriz, da Vera, do Wilson, do Celso, do Walter, do João, da Mônica, da Ione, do Cezar, da Nathalia, do Luciano e da Carolina.

Expresso minha homenagem aos queridos professores José Roberto do Amaral Lapa e Héctor Bruit, grandes incentivadores do trabalho que se publica. Agradeço aos integrantes da banca examinadora, composta pelos professores Stella Bresciani, Esmeralda B. Bolsonaro de Moura, Maria Helena Machado e Carlos Roberto Antunes dos Santos pelas críticas e sugestões.

Agradecimentos especiais à Editora da Unicamp pelo acolhimento de meu texto para publicação.

Meu sincero obrigado a Liane Bertucci. Sem sua ajuda, este livro não teria sido possível.

Irati, 4/7/2010

Cada pai de família vai procurar no mercado aquilo de que tem necessidade para si e para os seus.

Thomas Morus, *A utopia*

Como o presente é antiquíssimo, porque tudo, quando existiu foi presente, eu tenho para as coisas, porque pertencem ao presente, carinhos de antiquário, e fúrias de colecionador precedido para quem me tira os meus erros sobre as coisas com plausíveis, e até verdadeiras, explicações científicas e baseadas.

Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*, por Bernardo Soares

SUMÁRIO

ABREVIATURAS	11
PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO	17
1 NOVIDADE NA CIDADE	33
QUANDO O MERCADO NASCEU.....	33
ESPAÇO URBANO, LUGAR DO MERCADO.....	44
ESTRADAS, PONTES E FERROVIAS.....	48
DO AMANHECER À AVE-MARIA.....	56
A ALTA.....	60
ALUGAM-SE QUARTOS.....	65
O EDIFÍCIO, O TEMPO, OS USOS.....	68
PESOS E MEDIDAS.....	78
GENTE DO MERCADO.....	84
ENTORNO AO LARGO DO MERCADO.....	92
2 OS MERCADOS DE HORTALIÇAS	111
CAMPINAS, NAQUELE TEMPO.....	111
HORTALIÇAS, QUITANDAS E CAPIM.....	130
DO LARGO DA CADEIA AO LARGO DA LIBERDADE.....	144
QUITANDAS E TANGUÁS.....	155
COTIDIANOS, MAS SEM MONOTONIA.....	167

3	ABASTECIMENTO URBANO – COMER, BEBER, VIVER.....	187
	CONSUMOS SOFISTICADOS E POPULARES.....	187
	INSPETORES, FISCAIS E COMERCIANTES.....	214
	OS ATRAVESSADORES	232
	OS DONOS DAS RUAS.....	241
	ALIMENTOS DETERIORADOS: UM CASO MÉDICO-POLICIAL	254
4	DO SÉCULO XIX AO XX – OS MERCADOS E A CIDADE.....	271
	DOIS BREJOS, TRÊS MERCADOS	271
	CÓRREGOS URBANOS.....	282
	INSALUBRES E IMORAIS	287
	1889: A FEBRE E A FOME.....	302
	EM NOME DA SAÚDE PÚBLICA.....	306
	MERCADO GRANDE E MERCADO DE HORTALIÇAS: A VÍTIMA E O SOBREVIVENTE.....	318
	O RENASCIMENTO DA FÊNIX: UM NOVO MERCADO	333
	EPÍLOGO – MERCADO, MERCADINHO, MERCADÃO: UMA HISTÓRIA QUE CONTINUA... ..	359
	<i>POSTSCRIPTUM</i>	363
	BIBLIOGRAFIA	365
	FONTES.....	373
	<i>Manuscritas</i>	373
	<i>Impressas</i>	373
	JORNAIS	377
	ANEXO – TOPONÍMIA DE CAMPINAS	379

ABREVIATURAS

ACC	Autos Crime de Campinas
ACMC	Atas da Câmara Municipal de Campinas
AEL	Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas
AHCMU	Arquivo Histórico do Centro de Memória, Universidade Estadual de Campinas
Apesp	Arquivo Público do Estado de São Paulo
APHC	Arquivo Público e Histórico de Campinas
Arq.CMC	Arquivo da Câmara Municipal de Campinas
BibCMU	Biblioteca do Centro de Memória, Universidade Estadual de Campinas
BibFFLCH	Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
BibIFCH	Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas
CCLA	Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas
CJ	Cartório do Júri
ODC	Ofícios Diversos de Campinas
TJC	Tribunal de Justiça de Campinas

PREFÁCIO

O tema “mercados urbanos” não é muito recorrente na história em geral. Na história do Brasil é mais raro ainda. Poucos são os autores que se debruçaram sobre o assunto. Valter Martins praticamente inaugura com seu livro um tema que é central — no sentido literal do termo — na dinâmica da cidade e da sobrevivência de seus moradores.

Mas essa não é a única razão da importância deste livro. Martins mostra como montar um trabalho dentro de uma visão analítica global, que não despreza nenhum componente de sua dinâmica: vai da análise econômica, cultural, topográfica — do estilo arquitetônico que se buscou para erguer o edifício pujante, belo, numa cidade que se enriquecia com rapidez — aos personagens humanos gerados pelo Mercado e que foram compondo uma paisagem social nova, variada, rica, efervescente. Nada desse conjunto escapa ao olhar arguto e à pesquisa do expositor. Nesse sentido, o livro de Valter Martins nos dá o modelo.

Em termos humanos, a cidade vivia no período mudanças significativas. O trabalho transitava do sistema escravista para o livre; entravam constantemente imigrantes portugueses, italianos e de outras nacionalidades da Europa que forçaram a introdução do trabalho assalariado e do trabalho autônomo. O tecido social da cidade tornava-se mais complexo, mais variado. A vida dentro e no entorno do Mercado novo de Campinas ganhava nova vida. Aí se acotovelavam escravos, libertos e livres; ricos e pobres; homens e mulheres. Ficamos conhecendo mais de perto essas personagens no cotidiano do Mercado Municipal.

Mas o abastecimento de Campinas não esteve restrito ao Mercado. A seu lado, multiplicaram-se pela cidade em forte crescimento os mercados ambulantes, as quitandeiras, os peixeiros, os açougues e as padarias. Havia lugar para todos, mesmo sob o olhar muitas vezes vigilante dos edis municipais.

Novos elementos entraram na vida da cidade e do Mercado nesse período: a chegada do prolongamento da ferrovia em Campinas que vinha do Porto de Santos e a construção de sua variante para alcançar o local do Mercado Municipal deram rapidez à chegada de produtos de todo lado, até mesmo importados, enriquecendo o abastecimento da cidade. Outra novidade foi a unificação dos pesos e medidas, depois da oficialização, em 1879, do sistema métrico decimal no país. Essas novidades, somadas à crescente riqueza da ampliação da produção do café de Campinas, determinaram maior dinamismo na vida do Mercado local.

Acompanhei de perto a longa, árdua e trabalhosa pesquisa de Martins, numa fase pré-computador pessoal. Arquivos contendo subsídios para a história da cidade de Campinas foram vasculhados com paixão e obsessão na Unicamp, no Arquivo Público do Estado de São Paulo, em várias bibliotecas. Tudo que encontrava em fontes diversas, manuscritas, impressas ia sendo anotado e catalogado. Ilustrações, fotografias do Mercado, da cidade foram copiadas. Esse *corpus* documental foi o fundamento da reconstituição aqui revelada. Um trabalho superior, de um verdadeiro historiador.

Difícil mostrar as dificuldades que o verdadeiro pesquisador de história encontra em nosso país. Os arquivos, quando “organizados”, apresentam o acervo apenas por localidade e por datas. Um tempo precioso se gasta na leitura, sobretudo nas latas onde estão os manuscritos amarrados aleatoriamente, na busca e na seleção dos dados que interessam ao tema pesquisado. Martins obstinadamente vasculhou toda lata de manuscritos sobre Campinas, cada jornal publicado na cidade, no período em que analisava toda lei, o “Código sanitário” e outros códigos editados e de interesse para a vida do abastecimento de víveres, de carnes, de hortaliças de Campinas.

A análise e o resultado desse árduo trabalho é hoje posto à disposição de um público maior com a edição deste livro.

PREFÁCIO

O livro de Valter Martins torna-se a partir de agora um referencial necessário para o estudo histórico não apenas dos mercados municipais, mas da cidade brasileira.

Maria Luiza Marcilio

Professora titular do Departamento de História da USP
Presidente da Comissão de Direitos Humanos da USP

INTRODUÇÃO

O século XIX assistiu a grandes mudanças do fenômeno social, físico e econômico do que se convencionou chamar de cidades, tanto que o próprio termo urbanismo surgiu a fim de dar especificidade às coisas referentes ao meio urbano. Transformações tecnológicas, econômicas e demográficas, que tiveram palco notadamente dentro de seu espaço, colocaram as cidades em um novo plano de enfoque enquanto objeto de estudo¹.

Especialmente na Europa, nas áreas mais industrializadas, aos poucos as cidades foram assumindo feições e proporções até então desconhecidas, provocando novos temores, novas necessidades. Com o crescimento dos bairros operários e seu viver miserável, estes se apresentavam como promíscuos e nada edificantes na visão da burguesia, que se refugiava em suas casas por sentir-se ameaçada pelas “classes perigosas”².

Deixando de lado o medo, o moralismo ou o falso moralismo, a ideia de que algo deveria ser feito começou a povoar o discurso e a prática das autoridades médicas e políticas, principalmente no que dizia respeito à saúde e higiene. Tanta gente junta era percebida como fértil substrato para a dissemina-

¹ Françoise Choay, “A história e o método em urbanismo”, in Stella Bresciani (org.), *Imagens da cidade — Séculos XIX e XX*. São Paulo, Marco Zero, 1993, p. 13.

² Louis Chevalier, *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris, pendant la première moitié du XIXème siècle*. Paris, Librairie Générale Française, 1978; Sidney Chalhoub, “As classes perigosas”, in *Trabalhadores*, nº 6. Campinas, Associação Cultural do Arquivo Edgard Leuenroth, 1990, pp. 2-22.

ção de doenças, abrindo caminho às temidas epidemias, que poderiam atingir bairros e pessoas de todas as classes sociais. Essa realidade um tanto crua motivou uma série de intervenções por parte do Estado, a fim de tornar as cidades mais saudáveis. Não foi por coincidência que os primeiros urbanistas tenham sido higienistas. A cidade passou a ser não apenas fonte de preocupações e medos, mas também de reflexões e ações, que provocaram uma série de mudanças no cotidiano de seus habitantes.

A ideia de cidade viciosa, insalubre, imoral, foi então associada diretamente à pobreza, aos pobres e seu *habitat*: suas casas, suas ruas, seus bairros, suas diversões e seus hábitos. A doença provocava falta ao trabalho e a morte do operário, causando prejuízos aos que necessitavam de mão de obra abundante e barata. O desconforto, presente na vida do operariado desde suas origens, estava custando caro aos capitalistas. A casa dos trabalhadores precisava ser mais adequada, mais limpa, mais bem equipada, para garantir boas condições de salubridade aos seus ocupantes.

Sistemas de distribuição de água encanada domiciliar e esgotos ganharam o subterrâneo das grandes cidades. Já não mais havia necessidade de se buscar água, pois ela chegava por si. Não era mais preciso deixar a casa para ir à fonte ou chafariz, uma operação que requeria tempo e certo esforço, mas também proporcionava troca de informações e sociabilidade.

A água limpa e a suja passaram a circular por canos, em um circuito fechado. A nova maneira de transportar fluidos provocou uma revolução em termos de localização das cidades, que se libertaram dos limites naturais. O espaço possível de ser habitado passou a ser limitado pela técnica, pela economia e pela política³.

Além das intervenções subterrâneas e domésticas, outras aconteceram na superfície das cidades. Cirúrgicas, na medida em que alteraram seu traçado, sua plástica, sua arquitetura. As reformas de Haussmann em Paris e o “massacre” de Viena, na opinião de Camillo Sitte, são exemplos dos mais representativos. As avenidas e ruas largas vieram encurtar distâncias e facilitar a circulação de homens, veículos e até mesmo do vento, que dissipava os “miasmas”

³ François Béguin, “Les machineries anglaises du confort”, *Recherches*, nº 29. Fontenay-Sous-Bois, 1977, pp. 155-86.

nocivos da aglomeração humana, ao mesmo tempo em que abriam a cidade aos salutares raios de sol e dificultavam as barricadas das revoltas populares.

Grandes cidades como Londres e Paris conviveram com a presença da multidão já no século XIX⁴, constituída por operários, desempregados e mulheres, por “excluídos”, como os chamou Michelle Perrot⁵. Gente rude e pobre, que se desfigurava no anonimato da massa, enchia as ruas em um movimento caótico, causando admiração e temor por seu evidente potencial de revolta. Essa presença era tão marcante que a multidão inspirou e figurou em inúmeros trabalhos de escritores daquele período: Zola, Balzac, Baudelaire, Hugo, Dickens e Poe.

As multidões das cidades eram em grande parte fruto do contraditório desenvolvimento econômico, que seguia seu curso apesar de seu custo social, como verificou Engels na Inglaterra⁶. Essa incômoda presença suscitou a intenção de controlar seus passos, suas pulsações.

Foi assim que a polícia e o policiamento passaram por reformas ainda no início do século XIX, na Inglaterra, momento em que se buscava criar um novo padrão de ordem urbana:

lançou-se um ataque sem precedentes sobre muito do que anteriormente fora tolerado dentro dos antigos limites, especialmente sobre pequenos crimes, divertimentos populares e todos os tipos de desordem urbana, desde a violência coletiva até brigas em tavernas e danos de menor importância⁷.

As mudanças ocorridas sobre a extensão do urbano, atingindo diretamente a vida de seus habitantes, não ficaram limitadas à geografia da Europa que se industrializava. Guardadas suas proporções e especificidades, do outro lado do Atlântico, no distante Planalto Paulista, onde vicejavam os cafezais, encon-

⁴ Stella Bresciani, *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

⁵ Michelle Perrot, *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

⁶ Friedrich Engels, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo, Global, 1986.

⁷ Robert Storch, “O policiamento cotidiano na cidade vitoriana”, *Revista Brasileira de História*, vol. 5, nº 8/9. São Paulo, Marco Zero, 1985, pp. 7-33.

tramos suas cidades também passando por marcantes transformações, especialmente nas últimas décadas do século XIX e início do XX.

Estudos tendo a cidade como principal objeto de preocupação tornaram-se mais frequentes na historiografia brasileira a partir da década de 1980. Podemos destacar entre eles o trabalho de Richard M. Morse, *A formação histórica de São Paulo*, editado em português pela primeira vez em 1954, e o de Maria Luiza Marcílio, *A cidade de São Paulo, povoamento e população — 1750-1850*, publicado no Brasil em 1974. Morse tematizou o aparecimento de uma ordem urbana nuclear no interior de uma formação agrária dispersa. Em análise rica em informações, dividiu em etapas sucessivas a história de São Paulo, priorizando as mudanças na organização urbana ao retratar aspectos diversos da vida paulistana, desde seus primeiros moradores até o século XX. Maria Luiza Marcílio privilegiou em seu estudo a demografia histórica, sendo pioneira nessa complexa seara. Buscando compreender o povoamento e a população da cidade de São Paulo a partir dos maços de população e de registros paroquiais, trouxe à luz valiosos aspectos econômicos e sociais de uma cidade que compreendia um território bem maior que o atual e que, desmembrado, deu origem a muitas outras⁸. Entre os trabalhos escritos nas últimas décadas do século XX, o de Raquel Glezer buscou evidenciar uma São Paulo da qual há muito quase nada subsiste, em função das transformações e intervenções pelas quais passou. Retomando as descrições da cidade feitas por viajantes estrangeiros, cronistas, historiadores do século XIX e XX, a autora procurou perceber como se deu a construção da memória histórica de São Paulo, através das mudanças em seu aspecto físico e características da área urbana⁹. Nicolau Sevcenko navegou pela cidade de São Paulo durante os “frementes anos 20”, apreendendo sua realidade a partir de um ponto de vista cultural, expresso em manifestações artísticas, esportivas e técnicas, presentes notadamente entre a elite paulistana¹⁰. Janice Theodoro da Silva, analisando um longo período da

⁸ Richard M. Morse, *A formação histórica de São Paulo*. São Paulo, Difel, 1970. Maria Luiza Marcílio, *A cidade de São Paulo, povoamento e população: 1750-1850*. São Paulo, Pioneira, Edusp, 1974.

⁹ Raquel Glezer, “Chão de terra: um estudo sobre São Paulo colonial”. Tese de livre-docência em metodologia da história. São Paulo, FFLCH-USP, 1992.

¹⁰ Nicolau Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.